

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1978

plantas e dos lugares; não é um narrador que consiga facilmente fazer-nos imaginar as paisagens que ao longo dos séculos se foram formando, desfazendo e reformando em Bassy. Só nos espanta que, sendo a análise das plantas, afinal, o cerne da sua obra, sejam elas tão poucas e tão fracas. A redução foi exagerada, as plantas tornam-se por vezes quase ilegíveis. Em lugar da planta 31, que devia agrupar a propriedade senhorial, eclesiástica e burguesa, foi reimpressa a planta 26.

J. ALARCÃO

Gemma Sena CHIESA, *Gemme di Luni*. Roma, Giorgio Bretschneider, 1978.
1 vol., 24,5 cms, 142 p., 25 ests.

Provêm na sua quase totalidade de escavações antigas as pedras de anel aqui apresentadas, umas de pedras semi-preciosas, outras de pasta vítrea. São 175 peças, que a autora descreve, comenta e ilustra, fotografando ao dobro o original e uma impressão. Num caso ou noutro, poderia ter-se dispensado esta impressão; na generalidade, porém, as duas reproduções completam-se, pois a da impressão ilustra melhor os volumes e os contornos, enquanto a do original torna sensível as qualidades físicas da pedra.

As pedras de Luni encontram-se dispersas pelo Museu Arqueológico de Florença e pelos museus de Luni e La Spezia. As circunstâncias em que se fizeram os achados são, geralmente, desconhecidas. Aliás, dado o valor das pedras de anel, estas passam frequentemente de geração em geração; a sua posição estratigráfica, por conseguinte, não pode indicar-nos uma data segura, mas apenas um terminus ante quem, muitas vezes bastante posterior à data do fabrico. É o caso, por exemplo, da pedra n.º 1 do presente catálogo: atribuível, estilisticamente, ao século m a.C., encontrou-se numa cidade que surgiu só em 177 a.C., pois esta é a data da fundação de Luni. Por outro lado, comparações estilísticas com outras artes são de pouco socorro, dada a especificidade da glíptica. Assim, as bases mais seguras da cronologia das pedras de anel, como, aliás, da determinação dos centros de fabrico, seria o achado de oficinas e de lojas de joalheiros. Poderá dizer-se que o achado de grupos estilística e tecnicamente homogêneos e numerosos numa ou noutra cidade, mesmo sem o achado de uma oficina, permitirá falar de centro de fabrico. A verdade, porém, é que as mesmas pedras e técnicas, os mesmos estilos e temas parecem ter sido usados em várias oficinas, geograficamente distintas — o que poderá explicar-se, em parte, pela existência de *gemmarii*, *anularii* ou *scalptores gemmarum* itinerantes.

Em Luni, o achado de um conjunto de seis pedras no mesmo sítio poderá talvez explicar-se pela existência, ali, de um joalheiro, mas, curiosamente, as pedras têm uma cronologia muito diversa, entre a época de Augusto e o início do século m d.C..

Estas questões são claramente abordadas na introdução, que enumera ainda os lugares do mundo romano mais férteis em achados de pedras de

anel, trata dos problemas da difusão e comercialização das pedras, define a traços largos a evolução temática e estilística da glíptica, evolução à qual a colecção de Luni não traz grandes elementos novos.

A introdução, pela variedade dos problemas que aborda, pela clareza da exposição, pela rapidez da síntese, pelo enquadramento bem observado das pedras de Luni em classes ou grupos que se definem pela técnica e pelo estilo, constitui uma valiosa introdução ao estudo da glíptica.

Os comentários a cada peça, insertos no catálogo, indicam os paralelos mais relevantes, sem pretender esgotar a bibliografia, o que seria puro exercício de erudição.

Uma tábua de concordância entre os números do catálogo e os do inventário do museu de Florença, índices de materiais, técnicas, temas, estilos e artistas, localidades e autores citados completam esta obra incluída por G. Bretschneider na sua colecção *Archaeologica*, 4.

J. ALARCÃO

John W. HAYES, *Roman Pottery in the Royal Ontario Museum. A Catalogue.*

Toronto 1976. 1 vol., IX + 69 p., 53 est.

Um ano após a saída do catálogo sobre os vidros (vid. «Conimbriga» XIV, p. 200) o Royal Ontario Museum apresenta-nos, assinado pelo mesmo autor, mais um estudo exemplar sobre uma secção importante das suas colecções.

Trata-se de cerâmicas romanas e paleocristãs — datáveis entre os séc. i a.C. e vii d.C. — provenientes das regiões mediterrânicas do Império romano e adquiridas por compra, desconhecendo-se para quase todas a origem exacta e em todos os casos as condições do achado. Tais circunstâncias reduzem enormemente o valor da colecção e o seu interesse para o arqueólogo. A qualidade das peças justifica, porém, o cuidado com que são divulgadas e alguns exemplares merecem a atenção dos especialistas pela novidade que juntam à classe a que pertencem ou por uma ou outra característica específica.

As peças são apresentadas por categorias cerâmicas com excepção de dois conjuntos cuja origem, particularmente significativa, é conhecida: Arezzo e Ventimiglia.

O Autor não se alonga em sínteses introdutórias nas quais seria obrigado a repetir matéria já muito conhecida. Também não nos dá apenas um catálogo seco. Inteligentemente, abre cada secção por uma curta bibliografia actualizada e variada (incluindo publicações portuguesas).

Entre as *sigillatas*, regista-se a presença, aparentemente única, da marca em duas linhas FELIX / L. TITI (?) em cálice (n.º 54) cujas forma e decoração são indícios seguros de uma datação relativamente tardia (10-25 d.C. segundo